

Editorial

É com satisfação que apresentamos aqui um novo número da *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, contendo contribuições de pesquisadores da filosofia clássica alemã provenientes de universidades localizadas em diferentes países do mundo. A seleção dos artigos para esta edição foi baseada no trabalho de avaliação de pareceristas cegos. Este trabalho foi coordenado pelo Conselho Editorial da REEH e recebeu o apoio também do Conselho Científico de nossa revista. O trabalho de editoração deste novo número foi diretamente organizado pelo Editor Adjunto da *Estudos Hegelianos*, Prof. Federico Sanguinetti, em colaboração com o Ms. Maximilian Tegtmeier, da Universidade de Pittsburgh. Fundamental também para a edição deste número foi o apoio logístico da diretoria da *Sociedade Hegel Brasileira*, particularmente, de seu presidente, Prof. Dr. Ricardo Tassinari, da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Este número da *Estudos Hegelianos* (2018-1) tem como tema “*Hegel e McDowell*”.

A edição se abre com a tradução para o português do último artigo de McDowell (Universidade de Pittsburgh) sobre Hegel, cujo título é: *Qual é o tópico da Fenomenologia?* Neste texto, McDowell oferece uma interpretação da Introdução da *Fenomenologia do espírito*, relacionando o programa nela contido tanto ao título inicial da obra, *Ciência da experiência da consciência*, quanto ao título definitivo. Segundo McDowell, Hegel apresenta na Introdução o projeto para um livro que pretende oferecer uma reconstrução científica dos requisitos para que possamos tornar inteligível a ideia de que a consciência seja consciência de objetos. A tese de McDowell é que o programa contido na Introdução condiz com o projeto de uma ‘ciência da experiência da consciência’ e com os materiais expostos por Hegel até a seção Espírito. Porém, tal programa seria inadequado para uma ‘fenomenologia do espírito’ e não seria totalmente apto a dar conta da transição para os materiais que compõem a seção Espírito da *Fenomenologia*. Isso deixa aberta a possibilidade que Hegel tenha mudado a sua própria concepção da obra à medida que ia escrevendo.



O artigo de Terry Pinkard (Universidade de Georgetown), *McDowell's Hegel: Quietism versus the Dialectic*, discute a maneira como McDowell interpreta as seções Consciência e Autoconsciência da *Fenomenologia do espírito* focando na peculiar forma de quietismo que caracteriza a abordagem mcdowelliana da filosofia. Segundo Pinkard, o quietismo de McDowell faz com que a sua interpretação daquelas seções não consiga dar conta adequadamente da concepção hegeliana da autoconsciência como “infinitude”. Isso aconteceria na medida em que McDowell interpreta as análises de Hegel apenas como alegorias de posições filosóficas. Pelo contrário, na leitura de Pinkard, o conceito de infinitude em Hegel “não seria apenas um problema que os filósofos criam para eles e que têm que dissolver. Ele não é um problema que possa ser dissolvido, e é a estrutura da própria autoconsciência” (p. 36).

Notadamente, na sua leitura do desenvolvimento da filosofia clássica alemã, McDowell foca nas figuras de Kant e Hegel, concebendo o idealismo hegeliano como uma radicalização de Kant. Neste projeto interpretativo, McDowell não aborda diretamente o contexto filosófico mais amplo e os autores que, através da sua obra, representaram mediações importantes para entender o desenvolvimento da filosofia clássica alemã de Kant a Hegel.¹ Federico Ferraguto (PUC Paraná), no artigo *McDowell, 1801*, traz à tona este contexto mostrando i) que o capítulo sobre a autoconsciência da *Fenomenologia do espírito* só pode ser entendido se levarmos em consideração a produção filosófica de outros autores, que permitiram a reelaboração hegeliana das teses kantianas; ii) que toda ontologia pressupõe uma versão não-subjetivista de filosofia transcendental, uma tese que McDowell vê no *Differenzschrift* de Hegel. Este projeto não seria apenas hegeliano, mas seria compartilhado – embora desenvolvido segundo configurações diferentes – por Reinhold, Bardili e pelo Fichte tardio.

¹ Contudo, é preciso sublinhar que McDowell parece estar ciente desta exigência: de fato, numa nota ao ensaio “*The Apperceptive I and the Empirical Self*”, McDowell destaca como, para entendermos a relação de Hegel a Kant, é preciso investigar a contribuição de Fichte.

Christoph Schuringa (New College of the Humanities), no seu artigo *Nature, spirit and second nature: Hegel and McDowell* analisa o conceito de ‘segunda natureza’ em Hegel e McDowell, no contexto da relação entre espírito e natureza. A tese de Schuringa é que os dois autores possuem abordagens e dificuldades diferentes e, em certa medida, complementares. Por um lado, McDowell utiliza a noção de segunda natureza para ampliar a concepção de natureza própria dos naturalistas radicais de tal forma que ela possa incluir também o espírito humano. Porém, não oferecendo uma caracterização mais próxima do conceito de natureza, a dificuldade de McDowell é explicar em que maneira o conceito de segunda natureza operaria tal ampliação. Pelo outro lado, Hegel tematiza o conceito de segunda natureza após ter oferecido uma reconstrução da relação entre natureza e espírito e o seu problema é oferecer uma caracterização mais próxima do conceito de natureza a partir das suas teses sobre tal relação.

O texto *Spirit’s Self-Knowledge, History, and the Absolute*, em polêmica com o recente artigo de McDowell “Why Does It Matter to Hegel That Geist Has a History?”, Thomas Oehl (Universidade de Munique / Universidade de Pittsburgh) propõe uma resposta diferente a essa pergunta. A diversidade das respostas de McDowell e de Oehl é motivada por duas diferentes interpretações do conceito hegeliano de *Geist*. Enquanto McDowell interpreta a esfera do *Geist* como a esfera do humano a partir de um contexto aristotélico, Oehl considera a filosofia do espírito absoluto como um ponto de partida imprescindível para entender tanto o conceito hegeliano de *Geist*, como a sua dimensão histórica.

O número se conclui com a resenha de Claudia Wirsing a duas coletâneas sobre a relação entre estética, religião e política em Hegel: Tobias Braune-Krickau, Thomas Erne, Katharina Scholl (orgs.), *Vom Ende her gedacht: Hegels Ästhetik zwischen Religion und Kunst*; e Alain Patrick Olivier, Elisabeth Weisser-Lohmann (orgs.), *Kunst – Religion – Politik*.

Muito nos alegra o fato de divulgarmos aqui trabalhos de autores de tão diferentes origens e nacionalidades, e esperamos com isto contribuir ainda mais para a divulgação da pesquisa filosófica sobre Hegel e o idealismo alemão.

Boa leitura a todos!

Editores do número
Federico Sanguinetti e Maximilian Tegtmeier